



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

5775 - Trabalho Completo - XIII Reunião Científica da ANPEd-Sul (2020)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 05 - Educação e Infância

Crianças em cena: performances narrativas na pré-escola

Lisiane Rossatto Tebaldi - PPGEDU/UFRGS

Rodrigo Saballa de Carvalho - UFFS- Universidade Federal da Fronteira Sul

CRIANÇAS EM CENA: PERFORMANCES NARRATIVAS NA PRÉ-ESCOLA

O presente texto é decorrente de uma pesquisa de Mestrado, desenvolvida no campo de Estudos da Infância (BARBOSA et al., 2016), que teve como objetivo geral investigar a produção das narrativas orais (SMITH, 2006; CAMPOS; GIRARDELLO, 2015; SOUZA, 2015) das crianças pré-escolares por meio das performances narrativas (HARTMANN, 2015), da mediação literária (CARDOSO, 2014) e da interface entre brincadeira e letramento (ROSKOS; CHRISTIE, 2009; ROWE, 2009; SAWYER, 2011; WAJSKOP, 2017). As questões centrais que desencadearam a investigação se estruturaram com base nas seguintes reflexões: Quais são as possíveis interfaces entre a brincadeira e o letramento para o desenvolvimento da fala, da escuta, do pensamento e da imaginação das crianças no contexto pré-escolar? Como as crianças produzem suas narrativas orais a partir de situações envolvendo brincadeira e literatura? De que modo as crianças narradoras performatizam as histórias que criam?

Mediante o exposto, nosso estudo teve como objetivos específicos analisar os processos de produção das narrativas orais através das performances corporais, gestuais e vocais expressas pelas crianças pré-escolares; identificar como as mediações contribuem para a produção das narrativas orais das crianças; e distinguir, com fundamento nos referenciais teóricos estudados e na análise dos dados gerados, a inter-relação entre a brincadeira e o letramento no âmbito pré-escolar. Ainda, buscamos contribuir com as discussões acerca da importância de um trabalho com ênfase na produção das narrativas orais das crianças pré-escolares a partir de práticas pedagógicas intencionalmente planejadas e continuamente vivenciadas pelas crianças, conforme salientado pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil – DCNEI (MEC, 2009), pela Base Nacional Comum Curricular – BNCC (MEC, 2018) e pelo Referencial Curricular Gaúcho da Educação Infantil – RCGEI (RS, 2018).

Quanto à metodologia, foi realizada uma pesquisa etnográfica-propositiva (HARTMANN, 2015) de abordagem multimetodológica (FERREIRA, 2005; CLARK, 2017) com crianças de 5 e 6 anos de idade que frequentavam a pré-escola em uma instituição privada localizada no Rio Grande do Sul. O reconhecimento das crianças como atores sociais, cidadãos de direitos, sujeitos competentes, ativos e produtores de cultura (FRANCISCHINI; FERNANDES, 2016) reverberou em uma mudança epistemológica do estatuto teórico e social da criança e da infância, implicando assim uma nova perspectiva metodológica: o desenvolvimento de

pesquisa *com* crianças e não apenas sobre elas. Sob tal perspectiva, cabe destacar as especificidades e as questões éticas imbricadas em uma investigação com crianças (GRAUE; WALSH, 2003), considerando-as como coprodutoras e participantes (CLARK, 2017) da pesquisa, reconhecendo sua competência (ALDERSON, 2007), em uma abordagem em parceria e em um fazer compartilhado.

Partindo desses pressupostos, a pesquisa etnográfica-propositiva (HARTMANN, 2015) realizada é assim denominada por inspirar-se nas especificidades dos métodos etnográficos, propondo uma ação prática e compartilhada com o grupo de crianças participantes. De acordo com Hartmann (2015, p. 51), a pesquisa etnográfica-propositiva utiliza-se de procedimentos da etnografia, “como a busca de uma relação horizontal com os interlocutores, a observação participante, a descrição minuciosa das observações e percepções em diário de campo”. A autora esclarece que agregar o termo “propositiva” se deve ao fato de a pesquisadora atuar como alguém que leva, “concreta e objetivamente, uma proposição de trabalho para e com as crianças” (HARTMANN, 2015, p. 52).

Outro aspecto a ressaltar refere-se à abordagem multimetodológica (FERREIRA, 2004; CLARK, 2017) explorada no percurso investigativo. Para Ferreira (2004, p. 45), essa abordagem alude à diversidade de “procedimentos e instrumentos metodológicos, provenientes de diferentes campos e áreas do saber, para compor uma estratégia que tem a finalidade de construir materialidades”. Considera, desse modo, os registros, as gravações, as anotações, as fotos, os desenhos, enfim, todo o material produzido tanto pela pesquisadora quanto pelas crianças na experiência de *estar junto* em campo. Corroborando o exposto, para Clark (2017), a abordagem multimetodológica evidencia as diferentes vozes e as múltiplas linguagens das crianças, pois, para que realmente possamos compreendê-las bem, faz-se necessária a combinação de diferentes procedimentos e métodos para a geração de dados (GRAUE; WALSH, 2003).

Desse modo, as estratégias metodológicas utilizadas para a geração dos dados da pesquisa foram compostas por observação, notas de campo, diário de campo, filmagens, rodas de conversa, contação e leitura de histórias, exploração de adereços, atividades lúdico-expressivas e recolha de artefatos, como os desenhos e as narrativas orais das sete crianças participantes. É importante destacar que, desde a entrada em campo, a aproximação com as crianças, a obtenção dos termos de consentimento da instituição, da professora e dos pais, a composição do grupo dos participantes da pesquisa, o assentimento negociado constantemente com as crianças, a saída de campo, a devolutiva à instituição, aos familiares e, principalmente, aos quatro meninos e às três meninas participantes, foram aspectos éticos que permearam toda a pesquisa de campo.

Nesse sentido, ressaltamos também que os responsáveis assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, e as crianças, por meio da impressão digital e da escrita do nome, assinaram o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido – TALE. O TALE foi redigido com ilustrações e em uma linguagem direcionada às crianças. Sublinha-se que, apesar do termo, sempre foi respeitada a escolha das crianças em participar ou não de cada encontro. Cabe ainda salientar que os nomes das crianças são fictícios e foram escolhidos pelos próprios participantes, considerando, assim, os preceitos éticos legais para a realização da pesquisa.

Ademais, frisamos que a dimensão ética envolvida em uma pesquisa com crianças vai além da assinatura dos termos, é algo negociado a cada encontro com os participantes. Exige constante reflexividade para evidenciar a voz das crianças e, especialmente, para respeitar o desejo delas em participar ou não das propostas planejadas, conforme já referendado. Dessa maneira, reiteramos a importância da flexibilidade, da alteridade, do olhar atento e cuidadoso

por parte da pesquisadora, bem como os modos como a pesquisa foi sendo redesenhada no *estar junto* com as crianças em campo.

Posto isso, informamos que, para a geração dos dados, foram desenvolvidas 20 sessões nas quais as crianças produziram suas próprias narrativas orais, individuais ou colaborativas, a partir das estratégias metodológicas propostas. Esses encontros, denominados ateliês de produção de narrativas orais, aconteceram duas vezes por semana no decorrer do segundo semestre de 2018, em um ambiente da escola previamente preparado pela pesquisadora com as obras literárias e os adereços a serem explorados pelas crianças a cada encontro. Todas as sessões de ateliê foram filmadas e decupadas para posterior análise. A análise dos dados gerados durante a investigação possibilitou a definição de três unidades de análise: 1) as mediações; 2) as performances narrativas; 3) as narrativas das crianças. Estas serão apresentadas após os delineamentos conceituais nos quais a investigação se pautou.

Para isso, previamente à pesquisa de campo, realizamos o mapeamento de teses e dissertações produzidas no Brasil, publicadas no período de 2008 a 2018, acerca da produção das narrativas orais infantis das crianças pré-escolares. Também efetuamos revisão de literatura sobre o tema, com o intuito de aprofundar as discussões e conhecer as produções acadêmicas tanto no cenário nacional quanto internacional sobre o objeto foco deste estudo. Dessa maneira, foi possível constatar a escassez de pesquisas acerca da produção das narrativas orais infantis, bem como o tensionamento e os diferentes posicionamentos ao abordarmos a interface entre brincadeira e letramento na Educação Infantil.

Com base no exposto, destacamos que o contexto da Educação Infantil, a partir dos eixos norteadores “brincadeiras” e “interações” postulados pelas DCNEI (MEC, 2009), pela BNCC (MEC, 2018) e pelo RCGEI (RS, 2018), se constitui terreno propício para um profícuo trabalho pautado nas narrativas orais das crianças. As crianças vivem de modo narrativo, pois, durante as brincadeiras, pensam em voz alta, compartilham seus pensamentos e, por meio das histórias que inventam e das suas narrativas orais, transformam-se em ativos protagonistas de suas vidas (BARBOSA, 2013). Na mesma direção, Campos e Girardello (2015, p. 91) defendem que “a criança ao narrar as suas histórias potencializa o desenvolvimento de sua imaginação e linguagem, o que lhe possibilita o exercício da criatividade e da autoria, além de ampliar suas próprias experiências estéticas e culturais”.

Dessa forma, a narrativa torna-se um instrumento de organização da experiência e busca de sentido que envolve tanto a comunicação e a ludicidade como a socialização e a construção da identidade (SMITH, 2006). Assim, as narrativas orais caracterizam-se como uma atividade linguística, uma relação comunicacional na qual se instaura um processo de interação entre os locutores (SOUZA, 2015), pois o ato de narrar congrega elementos linguísticos e extralinguísticos, como gestos, expressões faciais, modo de olhar, movimentos corporais, postura e aspectos acústicos da fala.

Nessa perspectiva, Smith (2006, p. 32) define performance narrativa como “a capacidade de utilizar recursos expressivos corporais, afetivos e verbais para manter a atenção da plateia e envolvê-la no que está sendo contado”. Na acepção de Hartmann (2015, p. 49), a performance narrativa “contempla aspectos como a contextualização espaço-temporal da narrativa, estratégias corporais e vocais usadas pelo narrador em ação, a participação do público, além da linguagem poética no que é narrado”. Seus estudos apontam as potencialidades criativas e expressivas encontradas no cruzamento entre narrativa e performance, com ênfase no modo como o narrador cativa o ouvinte fazendo o uso de dispositivos como gestos, expressões faciais e de voz.

Prosseguindo a discussão teórica, convém abordar o conceito de mediação literária. A

mediação literária refere-se ao papel do adulto de *estar entre* as crianças e a literatura, desde o estabelecimento de critérios para a seleção das obras até a ênfase, a intencionalidade de cada leitura e seus desdobramentos (CARDOSO, 2014). Em nosso contexto, além do já exposto, a mediação literária foi evidenciada também por meio da criação de adereços que potencializaram a produção das narrativas orais das crianças, tais como bonecos de pano, dedoches, quebra-cabeça com peças ampliadas, pedras ilustradas, entre outros.

Para finalizarmos esse panorama teórico, ressaltamos a interlocução entre a brincadeira e o letramento fundamentada nos estudos de Roskos e Christie (2009), Rowe (2009), Sawyer (2011) e Wajskop (2017). Esses autores apontam o potencial entre a ludicidade, a linguagem oral, a leitura literária, a contação de história, as brincadeiras de faz de conta e as narrativas que emergem no brincar improvisado entre as crianças.

Assim, com base nos argumentos teóricos abordados, apresentamos a seguir um excerto do Diário de Campo no intuito de evidenciar os resultados alcançados em nossa investigação sobre a produção das narrativas orais infantis. Estávamos todos, quatro crianças e pesquisadora, sentados na rodinha, compartilhando nossas narrativas sobre reis a partir da exploração de dedoches e peças ampliadas do quebra-cabeça da obra *Caixa de Contos*, de Anne Laval (2017). Neimar iniciou sua narrativa, sem adereços, apenas explorando sua linguagem oral e a imaginação:

O rei

Neimar: Era uma vez um rei. Ele era muito safadinho e engraçadinho. [Risos do narrador e da audiência.] Um dia ele jogou um monte de doces para cima [estendeu os braços para o alto e olhou para cima] e daí, sem querer, veio uma chuva de doces. [Fez uma pausa e olhou para a audiência. Os colegas começaram a rir, demonstrando satisfação com o enredo.] Daí ele comeu todos os doces que choveu e...

Everton: E ficou gordo!

Neimar: E ficou gi-gan-tes-co! [Falou pausadamente, enfatizando cada sílaba e arregalando os olhos.] Maior do que... [Ficou em pé e levantou o braço em direção ao teto.] Ele era muito alto. Muuuito. Daí ele foi muito longe e ele pegou um poder para aumentar e ficar embaixo, aumentar e ficar embaixo... [Nesse momento, Neimar erguia e abaixava o braço, significando alto e baixo. Seguiu reproduzindo o gesto enquanto falava repetidamente.] Daí ele usou tanto poder que ele não podia usar mais... aumentar e ficar embaixo, aumentar e ficar embaixo, aumentar e ficar embaixo, aumentar e ficar embaixo...

Maria Fernanda: Tá, tá, a gente já entendeu! [Porém, o colega, muito empolgado com sua narrativa, continuava pronunciando e fazendo o gesto.]

Bela: Neimar, a gente já entendeu.

Pesquisadora: E aí, o que aconteceu em seguida? Estamos curiosos!

Neimar: E daí eles se casaram. [Neimar pegou dois dedoches: o rei e a princesa. Até este instante estava narrando sem utilizar adereços] E prrrr... Ela era uma bruxa e ele não sabia e ele morrrreu. Mas ele viveu de novo. Morreu e viveu de novo. Ele a atacou com uma espada e a bruxa morrrreu. Daí acabou a história! (Diário de Campo, out./2019)

Na narrativa em questão, é possível evidenciar as três unidades que compuseram as análises da pesquisa por nós empreendida. Na primeira unidade, **as mediações**, são perceptíveis o uso da fórmula de início “era uma vez”, recorrente nos contos literários infantis; a intertextualidade com outra história – “ela era uma bruxa e ele não sabia e ele morrrreu” –, a qual um colega havia narrado antes, contando que a bruxa fingiu ser uma princesa e estar apaixonada pelo rei apenas para envenená-lo; a fala dos colegas incorporando fatos à narrativa – “e ficou gordo” – ou convocando sua continuidade – “a gente já entendeu” –, como também o fez a pesquisadora, dizendo “o que aconteceu?”, “estamos curiosos”. Estas são evidências que mostram as mediações nos processos narrativos das crianças. Na segunda, **as performances narrativas**, é possível observar que o menino facilmente cativou a audiência devido à sua expressividade corporal, gestual e vocal. O acréscimo dos dispositivos extralinguísticos na narrativa, como o modo de olhar, sua postura ao narrar, a expressividade facial, o exagero e a repetição dos gestos acrescidos de artifícios linguísticos, como a ênfase de certas sílabas – como em “gi-gan-tes-co”, “prrr”, “morrrreu” –, além do ritmo que imprimia à sua narrativa, acrescido da variação da tonalidade de voz na sua fala, garantiram a atenção e o deleite de todos. Quanto à terceira unidade, **a narrativa**, podemos evidenciar, na transcrição, que é marcada pela temporalidade, por conflito, intriga e desfecho, pela sequência dos fatos, pela progressão temática, pelos adereços materiais outras vezes mágicos (como o poder do rei em morrer e “viver de novo” e “de novo” até ele mesmo matar quem lhe oferecia perigo). Com base no exposto, as narrativas infantis mostraram-se impregnadas desses inícios, de inclusões, de elementos mágicos, de recriações, bem como da incorporação do repertório e das experiências cotidianas das crianças.

Dessa forma, a partir da investigação, pôde-se inferir a importância da produção das narrativas orais infantis no contexto pré-escolar, tendo em vista que a criação e o modo como as crianças contam suas histórias possibilitam que se desenvolva um processo criativo marcado pela performance e construção de conhecimentos linguísticos. Estes contribuem significativamente para o desenvolvimento da escuta, da fala, do pensamento e da imaginação.

Palavras-chave: Educação Infantil. Pré-escola. Narrativas Oraís. Performances Narrativas.

Referências bibliográficas:

ALDERSON, Priscilla. Designing ethical research with children. In: FARREL, Ann. **Ethical research with children**. New York: Open University Press, 2007. p. 27-36.

BARBOSA, Maria Carmem Silveira. Tempo e cotidiano: tempos para viver a infância. **Leitura: Teoria & Prática**, Campinas, v. 31, n. 61, p. 213-222, nov. 2013.

_____; DELGADO, Ana Cristina Coll; TOMÁS, Catarina Almeida. Estudos da infância, estudos da criança: quais campos? Quais teorias? Quais questões? Quais métodos? **Inter-Ação**, Goiânia, v. 41, p. 103-122, jan./abr. 2016.

CAMPOS, Karin Cozer de; GIRARDELLO, Gilka. A roda, a criança e a história: composições da autoria infantil. **Boitató**, Londrina, n. 20, p. 89-101, jul./dez. 2015.

CARDOSO, Beatriz. Mediação literária na Educação Infantil. In: FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva; VAL, Maria da Graça Costa; BREGUNCI, Maria das Graças de Castro (Orgs.). **Glossário Ceale**: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2014. p. 211-212.

CLARK, Alison. **Listening to young children**: a guide to understanding and using the mosaic approach. London: Jessica Kingsley Publishers, 2017.

FERREIRA, Thaís. Problematizando uma estratégia multimetodológica de pesquisa em teatro e educação. **Olhar do professor**, Ponta Grossa, v. 7, n. 1, p. 43-66, 2004.

FRANCISCHINI, Rosângela; FERNANDES, Natália. Os desafios da pesquisa ética com crianças. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 33, n. 1, p. 61-69, jan./mar. 2016.

GRAUE, Elizabeth; WALSH, Daniel. **Investigação etnográfica com crianças**: teorias, métodos e ética. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

HARTMANN, Luciana. Equilibristas, viajantes, princesas e poetas: performances orais e escritas de crianças narradoras. **Boitató**, Londrina, v. 20, p. 48-67, 2015.

LAVAL, Anne. **Caixa de contos**: crie suas próprias histórias. São Paulo: V&R Editoras, 2017.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC). **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC). Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CEB n.º 5, de 17 de dezembro de 2009. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 18 dez. 2009. Seção 1, p. 18.

RIO GRANDE DO SUL (RS). Secretaria de Estado da Educação. Departamento Pedagógico.

União dos Dirigentes Municipais de Educação. **Referencial Curricular Gaúcho: Educação Infantil**. Porto Alegre: Secretaria de Estado da Educação, 2018.

ROSKOS, Kathleen; CHRISTIE, James. **Play and literacy in early childhood: research from multiple perspectives**. New York: Routledge, 2009.

ROWE, Deborah Wells. Bringing books to life: the role of book-related dramatic play in young children's literacy learning. In: ROSKOS, Kathleen; CHRISTIE, James (Orgs.). **Play and literacy in early childhood: research from multiple perspectives**. New York: Routledge, 2009. p. 37-63.

SAWYER, Keith. Improvisation and narrative. In: FAULKNER, Dorothy; COATES, Elizabeth (Orgs.). **Exploring children's creative narratives**. New York: Routledge, 2011. p. 11- 38.

SMITH, Vivian Hamann. **A construção do sujeito narrador: linguagem, organização do pensamento discursivo e a imaginação**. 2006. 403 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

SOUZA, Nilo Carlos Pereira de. As narrativas orais e a formação do leitor. **Boitatá**, Londrina, n. 20, p. 286-300, jul./dez. 2015.

WAJSKOP, Gisela. Linguagem oral e brincadeira letrada nas creches. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 42, n. 4, p. 1355-1374, out./dez. 2017.